

O homem doente das Américas

J.O. de Meira Penna

Na fase de baixo astral que atravessamos e levando ainda em conta a peculiar leveza de nossa memória coletiva, temos tendência a extrapolar o pessimismo. Concluimos que o País está perdido, o Brasil seria inviável, não mais sairemos do poço. Ora, todas as nações atravessam crises, altos e baixos, uma sucessão normal de épocas de crescimento e glória, períodos de desordem e declínio. Algumas vezes, as crises, elas próprias, estimulam a criatividade artística e intelectual. Ou derrotas catastróficas e mesmo a perda da independência nacional dão ensejo à produção de grandes obras de política e filosofia. Hegel afirmava que a coruja de Minerva levanta o vôo ao entardecer e, efetivamente, o apogeu do "milagre grego" na área da filosofia, com Sócrates, Platão e Aristóteles, coincidiu com o trágico desenlace da Guerra do Peloponeso. As obras mais importantes da Bíblia vétero-testamentária foram escritas no Segundo Exílio (o de Babilônia), após o colapso do reino de David e Salomão: os profetas reagem contra o desastre que atinge Israel, para uma transcendência religiosa. Na China, o período áureo da filosofia, com Confúcio e Lao-Tsé e as outras "Cem Escolas", se coloca na fase de anarquia feudal, conhecida como a dos "Reinos Combatentes", que precede a fundação do Império em 221 antes de Cristo.

Na história da Europa esses ciclos de grandeza e miséria afetam todas as nações, atingindo não apenas o poder político e econômico, mas a própria cultura. Só neste século, por exemplo, a Espanha se recupera de mais de 200 anos da vergonhosa decadência que se segue ao esplendor dos Áustria de Carlos I e Felipe II. Entre o Renascimento e o Risorgimento, a Itália oferece o espetáculo do mais lamentável descalabro, junto com o declínio das artes. Perde, inclusive, a independência. A Alemanha leva um século e meio a se recuperar dos estragos pavorosos causados pela Guerra dos Trinta Anos. O declínio afeta hoje a Inglaterra que, no século passado, era a principal potência mundial e controlava o maior império que a história conheceu: até a Itália já lhe passou agora à frente. Quem se lembra do melancólico destino da França entre as duas guerras mundiais, marcado pelo desastre de maio/junho de 1940, fica surpreendido com o dinamismo que o país readquiriu após De Gaulle. O que aconteceu é que todas essas grandes nações encabeçaram, sucessivamente, o progresso cultural e o poder político-militar para depois verem seu orgulho reduzido e humilhado. A **Hubris** se encarregou de punir o orgulho e a prepotência. Hoje, nenhuma delas se pode mais medir com os países de âmbito continental, como os EUA, a Rússia, a China, destinados a substituí-las numa nova ordem de grandeza. Para sobreviverem em influência, os países europeus são hoje obrigados a unir-se.

Nossa história registra, de modo semelhante, ciclos de euforia e de depressão. Em meados do século passado, graças ao prestígio internacional do Império, podíamos sonhar com uma próxima integração na família das grandes nações civilizadas, que hoje qualificamos de Primeiro Mundo. Mas leiam os ensaístas do início desta centúria. Vejam a

austera e vil tristeza que sobre nós se abate. A crise econômica, a guerra civil, o episódio de Canudos e o arrependimento pelo 15 de Novembro, na década que se seguiu à Proclamação da República, foram aguçados, na consciência nacional, pelo exemplo extraordinário da Argentina. Lord Bryce, que nos visitou por essa época, nos prometeu um belo futuro, mas nada comparado com o de nosso vizinho meridional que o grande diplomata e pensador inglês já anunciava como o novo Estados Unidos da América do Sul. Desse baixo nível de prestígio, foi nosso patamar subindo, em meados do século, primeiro com a participação na II Guerra Mundial e o envio de uma Força Expedicionária; em seguida, com a construção de Brasília e, nos anos 70, o "milagre econômico" do período militar. Não é de bom-tom, no momento, relembrar o "ninguém segura este país!" da época em que crescia o PIB ao ritmo de 10% a 14% e alguns geopolíticos, à vista desses estupendos índices, já falavam na emergência do Brasil como superpotência do século XXI. Recordemos que isso foi apenas há 15 anos! Do Exterior se debruçavam sobre nós com uma atenção perplexa e ambivalente. Para a consciência democrática da Europa e dos EUA, numa época de triunfo esquerdista, o grande problema era contrapor o sucesso econômico do regime "direitista" com suas práticas autoritárias e repressivas.

Aliás, essa perplexidade permanece, sem o mesmo conteúdo ideológico, ante o ímpeto universal e incoercível de liberalização, modernização e implantação da economia de mercado. O nosso exemplo da década dos 70, o da China, o do Chile e o do México parecem demonstrar que a **perestroika** social e econômica deve preceder à abertura política. Os regimes com autoridade, suscetível de manter a ordem interna, demonstram superioridade na delicada transição para uma economia de mercado, sobre aqueles que, como o Brasil e a Rússia, **se abriram politicamente antes de desmontar o monstruoso edifício de seu corporativismo e dos interesses adquiridos de suas Nomenklaturas.**

O sentimento agudo de insignificância, decepção, humilhação, exaustação e depressão que sentimos, coletivamente, diante de nossas agruras, levanta, novamente, a pergunta sobre a viabilidade do Brasil como nação. O estilo e tom assemelham-se aos dos autores do princípio do século. O conde de Affonso Celso, fiel ainda à monarquia, criou então a expressão "ufanismo" quando, ao descrever a largura do Rio Amazonas e as belezas da Baía de Guanabara, justificava o seu "Por que me ufano de meu país"... O sentimento depressivo é hoje agravado pelos surdos e ominosos rumores de separatismo — coisa que não conhecíamos desde as lutas da Regência. Mais ominoso ainda é o fenômeno de emigração. Um milhão, pelo menos, já fugiram do descalabro. Mas é possível que os males que afetam o "homem doente das Américas" se agravem, antes que surja a receita salvadora. E essa, a meu ver, só acontecerá quando as elites se converterem ao liberalismo. O desmonte do Estado apodrecido: só isso!